

Jornalismo e Cinema: uma análise de gênero na representação de jornalistas no filme *A Dama de Preto* (1952)¹

Ester Costa e Silva Macedo²

Ana Lúcia Barbosa Moraes³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

RESUMO

Neste estudo, analisamos como é representada no cinema a mulher jornalista em cargo de liderança. Enfocaremos principalmente o filme *A Dama de Preto* (*Park Row*, E.U.A., 1952), escrito, dirigido e produzido por Samuel Fuller. Com base na metodologia descritiva e na revisão bibliográfica sobre o tema, foi realizada uma análise da obra cinematográfica. A intenção é entender de que maneira o cinema contribui para a construção de representações de mulheres jornalistas e por que questões essas representações são atravessadas.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Cinema; Representações; Mulheres no jornalismo; Gênero.

INTRODUÇÃO

Vemos na obra cinematográfica *A Dama de Preto* (1952) a representação de duas personagens jornalistas importantes. Observando como tais personagens se apresentam, compreendemos de que modo essas representações são atravessadas por questões de gênero. Este trabalho se debruça sobre como o tema de gênero se configura na imagem no jornalismo, e em especial, na imagem de mulheres em posição de autoridade no jornalismo.

O cinema é um campo muito bem explorado para a replicação do real e para a criação de uma nova realidade. Segundo Travancas (2001) “o cinema ajudou a construir mitos, a divulgar saberes novos [...] como foi o caso da empresa e do jornalista”. Neste sentido, o filme *A Dama de Preto*, dirigido e roteirizado pelo americano Samuel Fuller,

¹Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Cinema e Audiovisual e Interdisciplinaridade, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

²Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo do Decom-UFRN, email: estercosta76@gmail.com

³Professora do Curso de Jornalismo do Decom-UFRN, email: ana.lucia.moraes@ufrn.br

oferece uma representação da imprensa norte-americana, evidenciando as disputas editoriais, conflitos éticos e a dinâmica de poder entre os veículos jornalísticos.

A narrativa se inicia com a demissão de Phineas Mitchell (Gene Evans) do jornal *The Star*, o que o leva a fundar seu próprio jornal, o *The Globe*, desafiando os grandes jornais que se encontravam na rua *Park Row*. A personagem Charity Hackett (Mary Welch), diretora do *The Star*, assume o papel de antagonista ao representar uma gestão voltada exclusivamente para o lucro e para o sensacionalismo, em contraste com a proposta idealista de Mitchell.

A rivalidade entre os dois jornais é gradualmente atravessada por sentimentos afetivos entre os protagonistas, com um desfecho em que a diretora renuncia à sua posição em nome de uma reconciliação romântica. Tal resolução levanta questionamentos sobre o papel da mulher na liderança midiática e a representação de figuras femininas no cinema clássico.

METODOLOGIA

Recorremos à abordagem descritiva e à revisão teórica com o objetivo de analisar representações sociais no cinema, mais especificamente das figuras de jornalistas a partir de um recorte de gênero. De acordo com Gil (2002), a pesquisa descritiva busca “a descrição das características de determinada população ou fenômeno [...], salientam-se aquelas que têm por objetivo estudar as características de um grupo”. No caso da pesquisa bibliográfica, Gil (2002) conceitua como aquela que tem como base materiais já elaborados, como livros e artigos científicos.

Tais abordagens se mostram adequadas para compreender como o cinema constrói e reproduz imagens específicas de jornalistas, observando os elementos simbólicos e narrativos que sustentam essas representações. A análise foca na identificação de padrões, estereótipos e discursos que perpassam tais construções cinematográficas, considerando as relações de gênero como recorte.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Paula (2007), durante o século XX, ocorreu uma ascensão da política das representações de gêneros, “por meio da inserção da mulher na vida pública e da propagação dos meios de comunicação de massa”. A autora ainda acrescenta que no

cinema, as representações femininas demandam uma certa aparência física, justamente para fazerem parte de um sistema dominado pelo olhar masculino.

Na ficção – assim como a expectativa que se tem em relação à realidade – à mulher – representada na personagem feminina – é destinado um final no qual ela é posta no lugar determinado pela lógica patriarcal: servir como prêmio ao herói ou receber uma morte nobre de autossacrifício ou, ainda, caso tenha se desviado nas normas de conduta feminina, ser punida com um castigo adequado e, portanto, exemplar (Berger, 2002).

De acordo com Berger (2002), é recorrente no cinema a representação da mulher como recompensa ao herói, configurando uma lógica narrativa que subordina personagens femininas ao protagonismo masculino. Tal construção simbólica se repete em *A Dama de Preto*, mesmo com a presença de Charity Hackett em uma posição de destaque como diretora de um dos principais jornais da trama. Apesar de ser a única mulher entre diversos jornalistas e de exercer um papel de liderança e influência, a personagem acaba renunciando à sua carreira para assumir o lugar de interesse romântico do protagonista. O desfecho reforça um arquétipo clássico das representações femininas no cinema: a mulher forte que, ao final, é "domada" e integrada ao arco de sucesso do herói masculino.

Conforme Vieira (apud Berger, 2002, p. 30), nas obras cinematográficas os jornalistas são representados da seguinte forma: “aventureiros, defensores dos fracos, íntimos dos poderosos, solitários, trabalhadores sem horários, nômades por dever do ofício, detentores de segredos, pessimistas quanto à redenção da humanidade, companheiros da noite”. Levando-se em consideração os adjetivos que caracterizam os profissionais dessa área, podemos entender que estes são pensados quase que exclusivamente para homens, porque na sociedade machista e capitalista uma mulher não pode ser uma trabalhadora sem horários, por exemplo, ou uma nômade por dever do ofício.

ANÁLISE

No filme analisado, observa-se uma personagem feminina em posição de liderança que apresenta características de autonomia, ambição e autoridade, sem menções à vida familiar. Contudo, essa personagem é retratada como vilã, sendo "redimida" apenas quando abre mão de seu cargo e inicia um relacionamento amoroso com o protagonista.

Sem adotar julgamentos morais sobre as atitudes dos personagens, é possível observar que ambos agem movidos por interesses próprios. A editora, por exemplo, tenta levar o *The Globe* à falência, enquanto o protagonista também adota práticas eticamente questionáveis, como a manipulação dos fatos para garantir furos de reportagem. Nenhum dos dois age de forma plenamente correta, mas ainda assim as ações de Charity são avaliadas de maneira significativamente mais negativa. Isso levanta uma questão importante: se as mesmas atitudes fossem tomadas por um homem em posição de liderança, seriam interpretadas apenas como parte da luta por sua empresa?

Esse padrão de representação se repete em outras obras cinematográficas que retratam mulheres no comando de veículos de imprensa. Um exemplo é o filme *O Diabo Veste Prada* (2006), que, mesmo lançado cinquenta anos após o primeiro, ainda apresenta uma figura feminina de liderança retratada como fria, autoritária e antagonista, em suma, como uma “megera”. Em ambos os casos, nota-se que, ao assumirem comportamentos associados a lideranças masculinas, essas mulheres são transformadas em vilãs, reforçando estereótipos de gênero enraizados na cultura midiática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imagem da mulher forte, de opinião e em posição de autoridade como “megera” que precisa ser “domada” vem se repetindo ao longo do tempo até os dias atuais. O que demonstra ser de suma importância a discussão sobre representações femininas cinematográficas. A análise do filme *A Dama de Preto* permitiu observar como o cinema contribui para a construção e a manutenção de estereótipos de gênero, especialmente no contexto do jornalismo. A persistência desse padrão, mesmo em obras recentes, reforça a necessidade de uma abordagem crítica sobre os discursos midiáticos que moldam o imaginário social. Assim, esta pesquisa destaca a relevância de refletir sobre como o cinema representa as mulheres, particularmente aquelas que ocupam posições de poder, e como essas representações impactam a percepção social sobre o papel feminino.

REFERÊNCIAS

BERGER, Christa (Org.). **O jornalismo no cinema**. Porto Alegre: Editora da Universidade – UFRGS, 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

PAULA, Hiannagleici Alves. **A mulher jornalista no cinema hollywoodiano: um estudo das diferenças de gênero em filmes que apresentam jornalistas como protagonistas**. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/1607/2/20412755.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2025.

TRAVANCAS, Isabel. **Jornalista como personagem no cinema**. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/36494478/np2travancas.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2025.